

Vai esperar estar desempregado?

Novas tecnologias, novas estratégias de produção, negociações e desemprego – para ser seguido de novas tecnologias, novas estratégias, mais concessões pelos trabalhadores e -- mais desemprego.

Há quanto tempo vivemos assim?

Quem, entre nós, ainda se lembra do tempo que o crescimento da produção gerava empregos e salários melhores?

Em 1980, quando os robôs e a informática tornaram-se disponíveis em larga escala, os patrões disseram que a vida se tornaria melhor. O trabalho manual seria realizado pelos robôs e uma sociedade mais rica traria mais oportunidade a todos. Mas os robôs e a informática provocavam desemprego e jornadas mais longas e mais intensas. Disseram-nos, então, que estas eram apenas conseqüências passageiras, que logo as coisas melhorariam.

Alguns anos depois, quando as coisas não melhoraram, jogaram a culpa no Estado: era preciso reduzi-lo, era preciso concentrar ainda mais a riqueza da sociedade nos capitalistas. Começaram então as privatizações..

Empresas estatais foram entregues aos capitalistas nacionais e internacionais a preço de banana, nossas aposentadorias foram reduzidas e tornaram-se mais difíceis de serem conseguidas, os produtos estrangeiros inundaram nossa economia. Fez-se tudo o que os capitalistas queriam.

Agora sim, nos diziam, faltava pouco para o paraíso.

Todavia, o paraíso prometido jamais chegou.

Vivemos hoje uma nova rodada de desenvolvimento industrial: as tecnologias agora não são tão novas como no passado. As mudanças se concentram preferencialmente no modo de se organizar a produção. Produzimos mais com menos trabalhadores, trabalhamos mais com menos colegas de trabalho.

Contudo, já não nos dizem mais que com as novas tecnologias e os próximos desempregados a vida será melhor. Depois de tantos anos essa história da carochinha não cola mais.

Hoje, depois de tantos anos, todos sabemos que as condições de vida e trabalho irão piorar com as novas tecnologias. Não mais acreditamos em promessas de dias melhores.

Mas, porque as coisas são assim?

Por que as coisas não são diferentes?

Quando vamos pregar um prego, usamos um martelo; para tomar uma sopa, usa-se uma colher; para pintar, um pincel... Ou seja, é o que vamos produzir que determina a ferramenta, o instrumento, que devemos empregar.

Quando o capitalista instala uma fábrica, o que ele quer produzir é lucro. Pouco lhe importa o que vai produzir, o que tem importância é a lucratividade do que será produzido.

E quanto, em qualquer fábrica (ou fazenda) a finalidade da produção é o lucro, já estão de antemão determinado duas coisas:

1) ao patrão caberá o lucro, aos trabalhadores os salários. Com toda a desigualdade social que vem desta situação.

2) o patrão vai empregar a tecnologia e as técnicas de gerência que produzam mais lucro: a vida do operário é apenas meio para o lucro do capitalista.

Por isso, sempre que for possível, o patrão irá adotar tecnologias e formas de administração que reduzam os salários e a quantidade de trabalhadores.

O que acontece na sua empresa não está ocorrendo apenas contigo. Com todo o mundo está acontecendo mais ou menos a mesma coisa.

E não é de hoje.

Em 1980, nas automobilísticas paulistas, o setor de soldas era chamado de Vietnã pelos trabalhadores, tão duro era ali o trabalho. Hoje a maior parte das soldas é feita por robôs. O trabalho é muito mais leve e muito menos cansativo. Todavia, antigamente o soldador controlava muito do seu trabalho e, no meio da tarde, tinha como tirar alguns minutos para um cigarro ou para ir ao banheiro. Hoje, controlado pelos robôs, o trabalho se tornou muito mais intenso e muito mais rígido. Não há mais possibilidade de um descanso de 15 minutos para o cigarro ou o banheiro. E como o trabalho agora se tornou muito mais simples, os antigos soldadores foram substituídos por operários menos especializados, muito mais baratos. Desapareceu o Vietnã, mas a vida de quem ainda está empregado está mais dura -- e, dos desempregados, então, nem se diga!

Não é isto que está acontecendo na Siderúrgica Pato de Ferro? Vejamos o depoimento de João das Couves, do setor de embalagem.....

O depoimento de Pedrinho Mineiro, das prensas Shuller, não é muito diferente.....

Manoel Pé de Santo, aposentado da Metalúrgica Guarany conta que, em 1960, 830 operários produziam parafusos e porcas para toda Porto Alegre. Em 1970, eram apenas 500, e produziam agora para todo o Estado e exportavam para o Uruguai. Em 1980 eram 430, depois menos de 300 e quando ele se aposentou, em 1995, havia apenas 180 operários. Mas agora produzem para o Brasil todo e também para o MERCOSUL. Seu Manoel não soube dizer, mas descobrimos que de 7 toneladas de parafusos e porcas por semana em 1960, a produção passou para 22 toneladas por dia em 2005.

O que ocorreu com os salários?

Caíram.

E os lucros da empresa?

Não deixaram de crescer, mesmo em épocas de crise.

O que acontece na sua empresa é muito semelhante ao que ocorre na Siderúrgica Pato de Ferro, na Prensas Shuller, na Metalúrgica Guarany e nas montadoras paulistas. Você não está sozinho. Deixando de lado a propaganda dos patrões e olhando a realidade, "É de se duvidar que todas as invenções mecânicas até agora feitas aliviaram a labuta diária de algum ser humano".

O oposto é verdade: as "invenções" aumentaram o controle do patrão sobre o trabalhador, que assim é obrigado a trabalhar mais por um salário igual ou menor. As "invenções" simplificaram o trabalho, provocando a substituição de muitos operários especializados por trabalhadores com salários menores, inclusive mulheres e crianças.

As "invenções" até hoje apenas tornaram a vida da classe trabalhadora mais difícil e mais lucrativos os negócios dos capitalistas.

Agora podemos entender o que está acontecendo!

Se produzimos o lucro, a riqueza produzida será acumulada nas mãos dos capitalistas.

Eles utilizarão esta riqueza para aumentar seu poder sobre os trabalhadores.

Descobrirão novas tecnologias, novas formas de gerenciamento dos trabalhadores, novas "invenções" que significam, sempre, menores salários e mais trabalho para quem ainda tem um emprego. E mais desemprego, sempre mais desemprego. Com mais desempregados, os salários caem ainda mais, pois sempre tem alguém que aceita o emprego por menos do que a gente.

Se a sociedade é organizada para produzir o lucro, produzirá necessariamente miséria, desemprego e desigualdades sociais. Se os trabalhadores produzem o capital, produzem também sua própria miséria.

E isso é tão certo quanto o Sol nascer a Leste.

O que fazer?

Sozinhos, nada podemos.

Pensemos na situação de Pedrinho Mineiro, das prensas Shuller, de João das Couves, do setor de embalagem da Siderúrgica Pato de Ferro,. de Seu Manoel Pé de Santo, aposentado da Metalúrgica Guarany: as coisas melhoraram ao permitirem que seus colegas fossem demitidos?

Talvez esteja na hora de começarmos a nos perguntar: vamos continuar a permitir que nos desempreguem aos poucos? Não está mais do que na hora de, todos juntos, dizermos aos capitalistas que basta de desemprego?

Mas isso só poderemos fazer se nos organizarmos e nos fortalecemos. Pois, como diz o velho ditado, a união faz a força – e, hoje, podemos acrescentar, cada um por si, faz o desemprego.